Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

Caline Wanessa Dias de Lima Fernandes

A representação da mulher idosa em “Viagem à Petrópolis” e “Feliz aniversário” de Clarice Lispector

João Pessoa/PB
2024

Caline Wanessa Dias de Lima Fernandes

A representação da mulher idosa em “Viagem à Petrópolis” e “Feliz aniversário” de Clarice Lispector

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Campus I) como pré-requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.
Orientadora: Prof.ª Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira.

João Pessoa/PB
2024

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F363r Fernandes, Caline Wanessa Dias de Lima.
A representação da mulher idosa em "Viagem à Petrópolis" e "Feliz Aniversário' de Clarice Lispector / Caline Wanessa Dias de Lima Fernandes. - João Pessoa, 2024.
33 f.

Orientadora: Maria Aparecida Cruz de Oliveira.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2024.

1. Lispector, Clarice. 2. Gênero. 3. Velhice. I. Oliveira, Maria Aparecida Cruz de. II. Título.

UFPB/CCHLA CDU 82-34

Elaborado por MARIA DE FATIMA HENRIQUE JORGE MAIA - CRB-15/392

Caline Wanessa Dias de Lima Fernandes

A representação da mulher idosa em “Viagem à Petrópolis” e “Feliz aniversário” Clarice Lispector

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Campus I) como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.
Orientação: Prof.ª Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira.

Data de aprovação: _____/_____/_____

Banca Examinadora

_____
Profa. Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira – (DLCV/UFPB)
Orientadora

_____
Profa. Dra. Fabiana Ferreira da Costa – (DLCV/UFPB)
Membro da Banca Examinadora

_____
Prof. Dr. Afonso Manoel da Silva Barbosa
Membro da Banca Examinadora

_____
Profa. Dra. Maria de Fátima Benício de Melo – (DLPL/UFPB)
Suplente

João Pessoa /PB
2024

À minha família.

Agradecimentos

Pela conclusão do curso de Letras e deste Trabalho, venho agradecer a Deus e às pessoas que se importaram comigo e que contribuíram das mais diversas formas para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada por acreditarem em mim!

Antes de tudo, agradeço ao meu Deus por ser o meu guia, a minha motivação e por ter me guardado em todas as situações, por ter me tornado forte e corajosa e por ter me dado pessoas maravilhosas para me acompanharem nessa jornada. “Ebenézer : até aqui nos ajudou o Senhor!” 1 Samuel - 7:12.

Ao meu esposo, Allisson, por estar ao meu lado e ter me auxiliado com as tarefas diárias e por estar muitas vezes me acompanhando na universidade e pelo alívio da sobrecarga que tantas vezes senti e, principalmente, pelo amor e carinho.

Às minhas filhas Maria Júlia e Maria Manuela e ao meu filho Joel Lucas, que são a minha principal motivação para levantar e prosseguir. Eles trazem alegria aos meus dias. Sinto-me amada.

Aos meus pais Cleo e Walter, pelo cuidado e amor para comigo, por sempre me apoiarem nos estudos, por me ajudarem com o cuidado com as crianças e com as idas à universidade. Por me apoiarem com orações e palavras de incentivo.

À minha irmã Camila por me levar nos primeiros dias à universidade quando eu não conhecia nada e estava com crise de ansiedade; por ter cuidado dos meus filhos tantas vezes quando eu não estava dando conta, e por ter me incentivado a terminar o curso quando no meu íntimo, eu já havia desistido. Obrigada pelo amor e amizade.

Ao meu tio Naldo, que sempre me apoiou, e mesmo distante, demonstra o seu cuidado e afeto.

Aos meus avós Maria da Penha e Arnóbio, que sempre me ajudaram e se preocuparam com os meus estudos.

Ao meu primo João Batista por torcer por mim, me incentivar sempre em busca do melhor e pelo carinho por minha família.

Aos meus Pastores e amigos Valdeci e Manoel, pelas orações e pelo carinho para com a minha família.

À minha amiga Jane, pela amizade, incentivo, pelo carinho e por orar por mim.

Ao meu amigo Márcio, pela amizade e por tanto ter me ajudado.

À minha orientadora Dra. Maria Aparecida Cruz de Oliveira, pelo apoio, dedicação e orientação deste trabalho.

À Banca Examinadora, por aceitar estar aqui, dispondo de um tempo que é tão corrido.

Registro aqui o meu agradecimento a todos vocês e desejo saúde e sucesso! Que sejam abençoados por Deus!

(...) olhou para trás implorando à velhice ainda um sinal de que uma mulher deve, num ímpeto dilacerante, enfim agarrar a sua derradeira chance e viver (Lispector, 2020)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso pretende analisar como a representação da velhice se configura no silenciamento social, na invisibilidade e na solidão vivenciados pelas personagens Mocinha e Dona Anita, respectivamente, dos contos de Clarice Lispector: "Viagem à Petrópolis", *A Legião estrangeira* e "Feliz aniversário", *Laços de família.* Esses contos são narrados em terceira pessoa, ou seja, trata-se de narradores oniscientes, que nos trazem uma visão do texto numa perspectiva mais ampla das relações das protagonistas com as demais personagens dessas ficções. Podemos ver, por exemplo, que Mocinha (Viagem à Petrópolis) e Dona Anita (Feliz aniversário) vivem num ambiente de solidão, apesar de terem convívio social com outras pessoas, são tratadas como se tivessem pouca ou nenhuma significância. Mocinha perdeu todos os seus entes e vive numa casa de uma família desconhecida, já Dona Anita tem uma grande família e mora com a sua filha Zilda . Mas o que faz as duas sentirem-se tão sozinhas e isoladas mesmo tendo realidades de vida distintas? O que as fazem desprovidas de atenção e cuidado? Precisamos olhar para essas personagens idosas e analisá-las nos âmbitos pessoais e sociais para entendermos o porquê de elas não conseguirem ocupar um lugar de visibilidade social, de não terem voz na sociedade e no ambiente familiar por consequências de perdas, de gênero e de etarismo. Para realizar tal análise, utilizaremos como fundamentação teórica autores que tratam sobre etarismo, gênero e velhice como Beauvoir (2024); Debert (1999); Camarano e Kanso (2010), Lins e Andrade (2018) entre outros.

Palavras-chave: Clarice Lispector; gênero; velhice.

ABSTRACT

This study aims to analyze how the representation of old age is configured in the social silencing, invisibility and loneliness experienced by the characters Mocinha and Dona Anita, respectively, in the short stories by Clarice Lispector: "Viagem à Petrópolis", *A Legião estrangeira* and "Feliz aniversário", *Laços de família.* These short stories are narrated in the third person, that is, they are omniscient narrators, who give us a view of the text from a broader perspective of the protagonists' relationships with the other characters in these fictions. We can see, for example, that Mocinha (Viagem à Petrópolis) and Dona Anita (Feliz aniversário) live in an environment of solitude, despite having social contact with other people, they are treated as if they had little or no significance. Mocinha has lost all her loved ones and lives in a house with an unknown family, while Dona Anita has a large family and lives with her daughter Zilda. But what makes these two women feel so alone and isolated, even though they have different life realities? What makes them feel deprived of attention and care? We need to look at these elderly characters and analyze them in their personal and social spheres to understand why they are unable to occupy a place of social visibility, why they have no voice in society and in their family environment due to the consequences of loss, gender, and ageism. To carry out this analysis, we will use as a theoretical basis authors who deal with ageism, gender, and old age, such as Beauvoir (2024); Debert (1999); Camarano and Kanso (2010), Lins and Andrade (2018), among others.

Keywords: Clarice Lispector; gender; old age.

Sumário

Introdução.....11
Capítulo I – Narrativas da velhice: a interseção entre gênero e solidão.....14
1. A velhice e o gênero - solidão e desamparo 20
1.1 Velhice e literatura…….....20
Capítulo II: A velhice feminina em "Viagem à Petrópolis e "Feliz aniversário.....22
2. Velhice, solidão e isolamento emocional 22
2.1Despertar para a velhice: confronto com a inutilidade.....23
2.2A velhice em "Viagem à Petrópolis" 24
2.3 A velhice em "Feliz aniversário" 26
2.4As protagonistas: Mocinha e Dona Anita.....29
Conclusão..... 31
Referências.....33

Introdução

Embora tenha nascido na Ucrânia (1920), Clarice Lispector está entre as nossas escritoras da literatura brasileira contemporânea. Veio morar no Brasil com a sua família (pais Marieta e Pedro Lispector) após uma perseguição aos judeus em 1921. Inicialmente, residiram na cidade de Maceió, Alagoas e depois Recife, Pernambuco em 1924 e logo após na cidade do Rio de Janeiro. Começou sua carreira de escritora muito cedo e inicialmente sem grande reconhecimento (Rosenbaum, 2002).

Após o falecimento da sua mãe, ela escreve a sua primeira peça, ainda na infância, chamada *Pobre menina rica* e nesse mesmo período iniciou suas tentativas de envio dos contos para *o Diário de Pernambuco*, mas não teve sucesso (Rosenbaum, 2002).

De acordo com Rosenbaum (2002), depois da morte do seu pai, já residindo no Rio de Janeiro, ela escreve e publica um conto chamado "Triunfo", o primeiro de muitos outros. Nessa época ela começou a sua carreira como jornalista no jornal *A Noite*. Em 1943, publica o primeiro romance da sua carreira: *Perto do Coração Selvagem*, inicialmente rejeitado pela editora e após a sua publicação, recebe o *Prêmio Graça Aranha* (Bosi, 2021).

Segundo Nunes (1989), os escritos de Clarice Lispector possuem um caráter filosófico e epifânico quando nos referimos às ações e reações das personagens. Ela também vem com força nos temas de gênero, apresentando os aspectos relacionados à vida da mulher em sociedade como as diferenças de classes sociais, culturais, econômicas e relacionamentos familiares. Além disso, o etarismo entra nessa lista temática ao trazer protagonistas femininas de diversas idades como no conto *Felicidade clandestina* em 1971, na idade adulta, como vemos em *A hora da estrela*, 1977; e na velhice, em *Laços de família*, 1960. Tudo isso em diversos gêneros literários, como nos afirma Rosenbaum (2002, p. 8): "mais de 30 anos de produção literária — passando por romances, contos, crônicas e livros infantis —, (...) Clarice Lispector resiste a todas as tentativas de enquadramentos, classificações ou definições".

O estilo da sua escrita foi importante para o Modernismo brasileiro, e a sua grande ,participação na literatura foi considerada, em relação aos seus escritos como nos afirma Rosenbaum (2002, p. 23): "Lírico, mágico, feminino, introspectivo... As classificações continuarão a suceder-se, tentando abarcar um estilo rebelde a todos".

Clarice Lispector se fez grande e potente não apenas em qualidade da produção, mas também, na quantidade. Em ordem cronológica, podemos elencar algumas obras (Rosenbaum, p. 8, 2002): *Perto do Coração Selvagem* (romance, 1944); *O Lustre* (romance, 1946); *A Cidade Sitiada* (romance, 1949); *Laços de Família* (contos, 1960); *A Maçã no Escuro* (romance, 1961); *A Legião Estrangeira: Contos e Crônicas* (1964); *A Legião Estrangeira* (contos, 1964); *A Paixão Segundo G.H*. (romance, 1964); *O Mistério do Coelhinho Pensante* (infanto-juvenil, 1967); *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (romance, 1969); *A Mulher Que Matou os Peixes* (infanto-juvenil, 1969); *Felicidade Clandestina* (contos, 1971); *Agita Vira: Ficção* (romance, 1973); A *Vida Íntima de Lama* (infanto-juvenil, 1974); *A Via Crucis do Corpo* (contos, 1974); *Onde Estivestes de Noite* (contos, 1974); *Visão do Esplendor: Impressões Leves* (crônicas, 1975); *De Corpo Inteiro* (entrevistas, 1975); *A Hora da Estrela* (romance, 1977); *Para Não Esquecer* (crônicas); *Um Sopro de Vida: Pulsações* (romance, 1978); *Quase de Verdade* (infanto-juvenil, 1978) e *A Descoberta do Mundo* (crônicas, 1984).

A escolha de estudar a representação da mulher idosa nestes contos é motivada pela relevância do tema, que às vezes é negligenciado na literatura brasileira e na sociedade. Analisar como os contos abordam o envelhecimento feminino pode fornecer debates valiosos sobre questões de gênero e etarismo (idade/envelhecimento), contribuindo para um novo olhar sobre a posição das mulheres idosas na sociedade.

O objetivo principal desta pesquisa é analisar a representação da mulher idosa nos contos “Feliz aniversário” e “Viagem à Petrópolis” de Clarice Lispector, examinando as características e o desenvolvimento das personagens; identificando os temas relacionados ao envelhecimento feminino presentes nessas narrativas e comparando os retratos dessas personagens idosas nos dois contos.

No Capítulo 1, intitulado “Narrativas da Velhice: a interseção entre gênero e solidão”, abordarei os diversos aspectos que permeiam a velhice feminina, com ênfase nas dinâmicas sociais que a cercam. Discutirei como essa fase da vida é frequentemente vivenciada sob a sombra da violência, da discriminação. Esses fatores interagem de maneiras complexas e profundas, moldando a experiência do envelhecer. O envelhecimento feminino será apresentado como um fenômeno multifacetado, acentuado por condições de pobreza, pela falta de apoio familiar e pela inadequação das políticas de assistência social, que muitas vezes não refletem a realidade enfrentada por essas mulheres.

No Capítulo 2, “A velhice feminina em ‘Viagem à Petrópolis’ e ‘Feliz aniversário’”, realizarei uma análise detalhada desses contos que retratam as vivências de suas protagonistas em meio a um contexto de solidão e exclusão. Em “Viagem à Petrópolis”, conhecemos Mocinha, uma idosa nordestina que, após perder tudo, se vê deslocada no Rio de Janeiro, passando de uma casa a outra e nunca encontrando um verdadeiro abrigo. Sua trajetória ilustra a fragilidade do acolhimento e a busca incessante por pertencimento (Lispector, 2020). Em “Feliz Aniversário”, Dona Anita, uma mulher de 89 anos que vive em Copacabana com a filha, apesar de cercada por uma família numerosa, também é consumida pela solidão, revelando a profundidade do isolamento que muitas mulheres enfrentam, mesmo em meio à presença de entes queridos (Lispector, 2020). Através dessas narrativas, analisarei como as personagens lidam com as dificuldades impostas pela sociedade, explorando as nuances da discriminação e da invisibilidade que frequentemente marcam a experiência da velhice feminina.

Capítulo 1 – Narrativas da velhice: a interseção entre gênero e solidão

1. A velhice e o gênero: solidão e desamparo

O idoso faz parte de um grupo socialmente esquecido e silenciado, uma situação que se reflete em diversos aspectos da vida contemporânea. A exclusão do idoso se evidencia na falta de oportunidades no mercado de trabalho, no isolamento de suas vivências e no enfraquecimento de seus relacionamentos sociais. Essa invisibilidade, no entanto, não é fruto do acaso, mas resultado de uma estrutura social que desvaloriza o envelhecimento e a experiência acumulada ao longo da vida. Como relata Guita G. Debert (1999, p. 72), "o envelhecimento é uma realidade que é vivida no contexto socioeconômico, cultural e étnico em que cada um está inserido e demarcado por questões de gênero". Ou seja, o envelhecimento é diretamente impactado por fatores históricos, culturais e econômicos que moldam a forma como cada indivíduo vivencia essa etapa da vida.

A reflexão sobre a velhice nos leva a perceber que ela é profundamente marcada pela marginalização social. O idoso é frequentemente tratado como uma pessoa que já "cumpriu seu papel", como se seu valor estivesse atrelado unicamente à sua produtividade. Isso reforça uma visão utilitarista da vida, em que a juventude e a eficiência são sobrevalorizadas e o envelhecimento, desvalorizado. No entanto, essa abordagem é limitante e excludente, pois ignora a sabedoria, as experiências e as contribuições que os idosos ainda podem oferecer à sociedade.

As condições sociais dos idosos, de modo geral, são deixadas de lado, assim como acontece com outras minorias que vivem à margem da sociedade. E, embora essa invisibilidade seja comum entre diferentes grupos vulneráveis, a questão da velhice é ainda mais preocupante, pois não se trata apenas de um grupo específico, mas da vida futura de todos os seres humanos. Conforme Beauvoir (2024) reflete, o modo como tratamos os idosos de hoje projeta o tipo de sociedade que estamos construindo para o futuro. Envelhecer faz parte da trajetória humana, e a forma como lidamos com essa realidade revela muito sobre nossos valores coletivos e sobre o que entendemos como uma vida digna.

Nesse sentido, a exclusão do idoso não deve ser vista apenas como uma questão isolada, mas como parte de um problema maior que permeia o funcionamento de nossa sociedade. A negligência em relação à velhice reflete uma cultura que valoriza a juventude, a produtividade e a inovação em detrimento da sabedoria acumulada ao longo da vida. Isso se traduz em políticas públicas insuficientes, em oportunidades de trabalho escassas e em um espaço social que desconsidera o valor das gerações mais velhas.

Outro ponto que merece atenção é a interseção entre a velhice e outras desigualdades sociais. Questões de gênero, etnia e classe social frequentemente agravam ainda mais a situação dos idosos, especialmente das mulheres idosas, que enfrentam uma dupla marginalização: como mulheres e como pessoas idosas. Isso evidencia a importância de adotarmos uma abordagem interseccional, ao analisarmos o envelhecimento, reconhecendo que os desafios enfrentados pelos idosos não são homogêneos e que a discriminação pode ser amplificada por outros fatores de vulnerabilidade.

É preciso, portanto, reimaginar o lugar do idoso na sociedade. Em vez de ser visto como alguém que já não tem mais utilidade, o idoso deve ser reconhecido como alguém que pode continuar a participar ativamente, com experiências valiosas e contribuições singulares. A criação de espaços intergeracionais, onde o saber e a experiência dos mais velhos possam ser compartilhados e valorizados, é essencial para quebrar esse ciclo de exclusão. Ao promovermos essa troca, podemos construir uma sociedade mais inclusiva, que não apenas respeite a velhice, mas que a celebre como uma parte natural e significativa da vida humana.

Por fim, o modo como uma sociedade trata seus idosos reflete diretamente seu compromisso com a dignidade e a inclusão de todos os seus membros. A questão da velhice, como Beauvoir (2024) nos alerta, não se restringe ao presente. Trata-se de um espelho do futuro que estamos criando para nós mesmos. Se continuarmos a marginalizar e silenciar os idosos, estamos, na verdade, ignorando o que nos espera enquanto seres humanos em constante transformação. A valorização da velhice é, portanto, não apenas uma questão de justiça social, mas uma questão de humanidade.

Com essa demarcação, vemos que o envelhecimento da mulher se dá de modo distinto ao do homem, como nas questões de cuidados familiares, domésticos e, também, no que diz respeito a outras desigualdades, assim, como diz Lins e Andrade (2018):

> as mulheres que compõe esse grupo populacional acumularam, no decorrer dos anos, desvantagens como violência, discriminação, salários inferiores aos dos homens, baixa escolaridade, dupla jornada de trabalho ou dedicação exclusiva do cuidado do lar e dos filhos, situação socioeconômica desvantajosa e consequente dependência de recursos (Lins; Andrade, 2018, p. 441).

Boa parte dos idosos não fazem mais parte do que se define por *práxis,* ou seja, suas ações sociais são limitadas ou inexistentes, eles são muitas vezes considerados apenas como seres vivos quando nos referimos à essas práticas sociais (Beauvoir, 2024).

Um ponto importante abordado por Simone de Beauvoir é a semelhança entre a forma como os idosos e as crianças são tratados na sociedade. Beauvoir observa que tanto os idosos quanto as crianças frequentemente enfrentam o silenciamento e a limitação da sua autonomia. Como ela afirma, "essa condição de velho é simétrica à da criança, com a qual o adulto também não estabelece reciprocidade" (Beauvoir, 2024, p. 234). Isso significa que, embora os adultos mantenham uma relação de troca "igualitária" com pessoas de sua mesma faixa etária, com os idosos, essa igualdade é comprometida. Os idosos são muitas vezes vistos apenas como pessoas a serem respeitadas, mas ainda assim são considerados "seres inferiores" e frequentemente tratados como se estivessem em decadência (Beauvoir, 2024). Essa perspectiva revela uma crítica à forma como a sociedade valoriza e reconhece a autonomia dos idosos, similar ao tratamento das crianças, evidenciando uma falta de verdadeira reciprocidade e respeito pela dignidade desses indivíduos.

Abordar o tema da violência contra mulheres idosas, seja física, psicológica ou relacionada à falta de cuidados familiares e sociais, é mais complexo do que aparenta. Essas mulheres enfrentam uma dupla carga: a violência por serem mulheres e a discriminação pela idade (Debert, 1994). O envelhecimento pode ser vivido como um tipo de doença, exacerbando essas dificuldades. Além disso, a classe social, e a pobreza em particular, influencia profundamente a experiência da velhice e os tipos de cuidados disponíveis para as mulheres idosas (Lins e Andrade, 2018).

Um fator significativo na opressão dos idosos é a sua dependência em relação aos adultos. Essa opressão nem sempre se manifesta de forma explícita, através de imposições diretas; muitas vezes, ocorre de maneira mais sutil, por meio de manipulações e silenciamento familiar. Como destaca Beauvoir (2024):

> Mina-se a resistência do ancião, oprimindo-o com cuidados exagerados que o paralisam, tratando-o com uma benevolência irônica, falando-lhe em linguagem infantil, e até mesmo trocando, por

> trás dele, olhares de entendimento e deixando escapar palavras ferinas (Beauvoir, 2024, p. 235).

A utilização de linguagem infantil no tratamento de idosos é um exemplo claro da “infantilização” dessas pessoas. Tratar os idosos com diminutivos nem sempre expressa carinho; muitas vezes, reflete uma visão de inferioridade e desrespeito. Além disso, as palavras grosseiras e desdenhosas, como mencionado anteriormente, intensificam ainda mais essa opressão, reforçando a percepção de que os idosos são menos valorizados e dignos de menos respeito.

Beauvoir (2024) diferencia a forma como a sociedade trata crianças e idosos ao observar que, enquanto recursos são investidos no desenvolvimento das crianças, os idosos são frequentemente vistos como estando no fim de suas vidas, com pouco espaço para novos investimentos. Para os idosos, especialmente as mulheres idosas, a sociedade impõe normas rígidas em relação à sua aparência, vestuário e comportamento. Segundo Beauvoir (2024), há uma pressão social para que os idosos se conformem a essas expectativas, o que é ainda mais acentuado para as mulheres idosas. Essa imposição não apenas limita a autonomia dos idosos, mas também reforça a ideia de que sua contribuição e valor são diminuídos à medida que envelhecem.

A jornada de trabalho dobrada e a falta de oportunidades na esfera pública frequentemente levam muitas mulheres idosas ao isolamento, fazendo com que elas se tornem cada vez mais desconhecedoras dos recursos disponíveis para elas. Isso é agravado pelo fato de que, em média, as mulheres vivem quase uma década a mais que os homens (Lins; Andrade, 2018). Ainda conforme Lins e Andrade (2018, p. 440) "as mulheres representam 56% da população brasileira com 60 anos ou mais". Esse dado destaca a necessidade urgente de políticas e recursos que atendam adequadamente a essa parcela significativa da população idosa, que enfrenta desafios específicos relacionados ao envelhecimento e à desigualdade de gênero.

Certas questões associadas à velhice feminina não surgem exclusivamente na terceira idade, mas refletem problemas persistentes ao longo da vida da mulher. Como observa Debert (1999), a falta de uma carreira profissional e uma maior repressão sexual em comparação aos homens contribuem para que muitas mulheres idosas experimentem sentimentos profundos de solidão, muitas vezes associados erroneamente apenas à velhice. Esses problemas são frequentemente internalizados e intensificados à medida que a mulher envelhece, levando-a a atribuir a solidão e o isolamento à sua

idade avançada, quando, na verdade, essas experiências são o resultado de desigualdades estruturais e sociais acumuladas ao longo da vida.

Para mitigar os impactos sociais da velhice e oferecer um suporte mais amplo, foram implementados direitos como a aposentadoria na terceira idade. Esse direito não só toca em questões financeiras enfrentadas pelos idosos, mas também oferece uma oportunidade para a reintegração social e o acesso aos cuidados essenciais. Debert (1999) destaca que a aposentadoria pode proporcionar "cuidados culturais e psicológicos" para essa "população tida como marginalizada", ajudando a integrar os idosos na sociedade de maneira mais inclusiva e digna. Essa abordagem visa reduzir o isolamento e promover uma qualidade de vida mais satisfatória para os idosos, reconhecendo e tratando não apenas as necessidades financeiras, mas também as emocionais e sociais. No entanto, para que esses benefícios sejam plenamente realizados, é crucial que as políticas públicas sejam adaptadas para enfrentar as desigualdades persistentes e garantir que todos os idosos tenham acesso a um suporte adequado e equitativo. O cuidado pessoas é dever do Estado e das famílias, porém está cada vez mais difícil a conciliação do cumprimento desses deveres e,

> Isto passa a requerer que o Estado e o mercado privado dividam com a família as responsabilidades no cuidado com a população idosa. Diante desse contexto, uma das alternativas de cuidados não-familiares existentes corresponde às instituições de longa permanência para idosos (ILPIs), sejam públicas ou privadas (Camarano e Kanso, 2010, p. 233).

No Brasil, as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), muitas vezes na forma de asilos, têm como principal objetivo fornecer assistência social aos idosos. No entanto, essas instituições frequentemente enfrentam desafios significativos, especialmente no que diz respeito ao financiamento. Muitas ILPIs não recebem um suporte financeiro adequado do governo e, portanto, dependem fortemente do trabalho voluntário e da ajuda de comunidades religiosas e organizações não governamentais para operar (Camarano e Kanso, 2010).

Além da escassez de recursos financeiros, essas instituições também enfrentam dificuldades relacionadas ao crescente número de pessoas em busca de vagas. O aumento na demanda por serviços de acolhimento para idosos intensifica os desafios enfrentados pelas ILPIs, que muitas vezes lutam para oferecer uma qualidade de cuidado adequada em face de limitações orçamentárias e infraestrutura insuficiente. Esses problemas refletem a necessidade urgente de políticas públicas que garantam financiamento e suporte adequados para atender à demanda crescente e assegurar que os

idosos recebam o cuidado e a dignidade que merecem em suas fases finais de vida. Elas também podem ser, para a ANVISA:

> instituições governamentais ou não-governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania (Camarano; Kanso, 2010, p. 234).

Mesmo com o esforço dedicado por pessoas e comunidades religiosas envolvidas, a experiência de se mudar para um asilo não é fácil para os idosos, que frequentemente enfrentam um choque psicológico profundo ao abandonar toda uma vida de histórias e relacionamentos. Beauvoir (2024) descreve esse impacto de forma contundente, especialmente entre as mulheres, que tendem a estar mais enraizadas em seus lares. Ela observa que as mulheres manifestam ansiedade e tremores, e que, gradualmente, se resignam à nova realidade imposta pelo ambiente do asilo (Beauvoir, 2024).

Para manter a dignidade humana, especialmente quando a alternativa é a institucionalização, é crucial planejar e implementar atividades que promovam o desenvolvimento pessoal dos idosos. Isso pode incluir a produção de objetos artesanais, participação em esportes e lazer, alimentação saudável e oportunidades para relacionamentos afetivos. Beauvoir (2024, p. 273) ressalta que "quando não podem mais sustentar-se, física e economicamente, o único recurso do velho é o asilo", mas reconhece que muitas vezes esses espaços não conseguem proporcionar uma rotina de cuidados que atenda plenamente às necessidades dos residentes.

Adicionalmente, é importante destacar que, na maioria dos casos, o cuidado das mulheres idosas é realizado por outras mulheres da família, que frequentemente ajustam suas próprias vidas e carreiras para assumir essas responsabilidades. Essas cuidadoras muitas vezes sacrificam a jornada de trabalho na esfera pública para se dedicar ao trabalho doméstico e ao cuidado dos idosos em casa (Lins; Andrade, 2018).

No entanto, para garantir uma qualidade de vida adequada para os idosos, é essencial que todos os membros da família estejam envolvidos nesse ciclo de cuidados. A presença de uma rede de apoio, juntamente com políticas sociais adaptadas à realidade dos idosos, pode promover uma vida mais digna e satisfatória. Camarano (2003) enfatiza que os idosos devem ser vistos não apenas como indivíduos em situação de vulnerabilidade, mas como sujeitos com vontades, sentimentos e necessidades que merecem ser tratados com respeito e cordialidade.

1.1 Velhice e literatura

A representação da velhice na literatura, especialmente no caso das mulheres idosas, revela camadas profundas de exclusão social, negligência emocional e invisibilidade cultural. A figura do idoso tem sido historicamente negligenciada ou relegada a papeis secundários, muitas vezes apresentados com estereótipos que reduzem a complexidade da experiência de envelhecimento. Quando se trata da mulher idosa, essa invisibilidade torna-se ainda mais acentuada, à medida que elas são descritas como figuras quase fantasmagóricas, destituídas de agência e de valor social, características frequentemente atribuídas a mulheres mais jovens.

- **Invisibilidade e silenciamento**

O silenciamento das mulheres idosas em uma parte da literatura brasileira pode refletir um fenômeno maior de invisibilidade social. Ao longo da história, a velhice feminina tem sido associada a um declínio tanto físico quanto simbólico. A perda da juventude e da beleza, atributos culturalmente valorizados na figura feminina, faz com que a mulher idosa seja vista como um ser sem relevância, relegada a um plano quase invisível. Como citado anteriormente, Pereira e Maia (2021, p. 4) afirmam que "invisível socialmente, o velho também o é na literatura, e, mais ainda, a mulher velha". Essa invisibilidade resulta da combinação de dois fatores: o envelhecimento e o gênero, ambos marcadores sociais que carregam uma carga de desvalorização.

A literatura, ao representar normas e valores sociais, pode reforçar esses estereótipos, mantendo as mulheres idosas em um lugar de subordinação e marginalização. Elas são raramente vistas como protagonistas de suas próprias histórias e, quando aparecem, é comum que suas trajetórias sejam marcadas pela solidão, pelo abandono e pela falta de agência "fica reservado a ela o lugar de objeto silencioso, bem como papeis subalternos, dóceis, românticos e passivos" (Rosenbaum, 2022, p. 36) . Essas personagens quase nunca possuem espaços narrativos que lhes permitam crescimento, transformação ou felicidade — fatores que contribuem para a construção de uma narrativa da velhice como algo inerentemente triste e terminal.

- **O corpo idoso e o gênero**

A literatura, assim, pode marginalizar a velhice feminina e, também, transformar a visão sobre o corpo envelhecido. Em uma sociedade que valoriza a juventude e a beleza como essenciais à identidade feminina, o corpo da mulher idosa é retratado como disfuncional, inerte e sem atrativos. Isso é particularmente evidente em como o desejo sexual feminino é retratado — ou melhor, apagado — nas narrativas literárias. Segundo Pereira e Maia (2021, Apud Dalcastagnè, 2005, p. 38), a repressão sexual feminina se estende para além dos anos de juventude, sendo praticamente inexistente qualquer recomeço afetivo ou sexual para mulheres idosas, mesmo em casos de viuvez.

A literatura às vezes pode reforçar a visão de que a mulher idosa deve aceitar seu papel de assexualidade e isolamento, nega a possibilidade de que essas personagens explorem dimensões mais ricas de suas vidas emocionais e sexuais. Ao mesmo tempo, o envelhecimento masculino é frequentemente romantizado, com homens mais velhos sendo retratados como sábios, charmosos e, muitas vezes, ainda envolvidos em relacionamentos românticos com mulheres mais jovens. Essa disparidade de tratamento entre os gêneros acentua a crítica às normas patriarcais que valorizam os homens à medida que envelhecem, mas desvalorizam as mulheres.

- **Resistência e Subversão: desafios à marginalização**

Apesar de a literatura nacional poder representar a velhice como um período de declínio, há também obras que desafiam essa visão monolítica. Escritoras como Clarice Lispector subverte o tratamento simplista da velhice ao conferir complexidade às suas personagens idosas nesses contos. O texto não apenas expõe o sofrimento dessas mulheres, mas também revela as camadas de suas subjetividades, explorando a resistência interna e o desejo de significado, mesmo em meio ao abandono e à solidão.

Essa subversão é importante porque desafia as normas culturais que insistem em marginalizar a experiência do envelhecimento. A literatura pode, assim, ser uma ferramenta poderosa para repensar e reimaginar as possibilidades da velhice, abrindo espaço para narrativas que vejam os idosos, e especialmente as mulheres idosas, como sujeitos plenos de histórias e significados. Ao explorar suas complexidades emocionais, existenciais e sociais, a literatura pode contribuir para resgatar a dignidade e a voz dessas personagens, transformando a velhice em um espaço de reflexão, resistência e potência narrativa.

Portanto, ao analisarmos a velhice na literatura brasileira, podemos perceber não só como essas representações reconfiguram as realidades sociais de marginalização e invisibilidade, mas também como elas abrem caminho para novas formas de pensar o envelhecimento. Ao trazer a velhice para o centro das narrativas, autores e autoras podem começar a desmistificar as normas que confinam essas figuras ao silêncio, permitindo-lhes ocupar um espaço de protagonismo e relevância na literatura e na vida.

Capítulo 2: A velhice feminina em "Viagem à Petrópolis" e "Feliz aniversário"

Os contos "Viagem à Petrópolis" e "Feliz Aniversário", de Clarice Lispector, presentes nos livros *A Legião Estrangeira* e *Laços de Família*, respectivamente, abordam as histórias de protagonistas idosas, centrando-se na relação complexa entre o sujeito narrador e as personagens. Assim como em outras obras da autora, o narrador em terceira pessoa apresenta os acontecimentos através de uma perspectiva que revela as nuances emocionais e as experiências das personagens (Nunes, 1989).

2. Velhice, solidão e isolamento emocional

Um tema central na representação da velhice na literatura é o isolamento emocional das personagens idosas, especialmente as mulheres. Em Clarice Lispector, essa representação é particularmente incisiva. Nos contos é possível observar a abordagem da velhice de maneira realista e natural, expondo-se as limitações inerentes a essa fase da vida, como a solidão e a negligência familiar. Muitas vezes, as idosas são abandonadas ou têm suas necessidades ignoradas, resultando em um estado de isolamento profundo. As personagens clariceanas frequentemente guardam uma intimidade reservada, quase sagrada, que contrasta com o grotesco da situação de abandono social que enfrentam (Câmara; Câmara, 2019):

> (...) aborda a velhice de forma real e natural, expondo as limitações próprias dessa etapa da vida, como a solidão e a pouca atenção dispensada pelas famílias às suas velhas, abandonando-as, muitas vezes, ou prescindindo de suas necessidades. Nos contos clariceanos existe uma tendência natural das personagens idosas, perdidas em suas trajetórias, de guardarem uma intimidade reservada, quase sagrada, que se alia ao grotesco da situação de abandono social em que se encontram (Câmara; Câmara, 2019, p. 3).

Mocinha, em “Viagem à Petrópolis”, e Dona Anita, em “Feliz Aniversário”, são exemplos contundentes desse abandono emocional que permeia a vida das mulheres idosas. Elas vivem à margem da sociedade, não necessariamente em isolamento geográfico, mas em um distanciamento emocional profundo em relação a suas famílias e ao mundo. Mocinha, em sua trajetória, vê a vida como uma sequência de eventos desconexos, e suas memórias parecem estranhas à sua realidade atual:

> Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimejavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida” (Lispector, 2020, p.65).

Por outro lado, Dona Anita, embora cercada por familiares, está imersa em ressentimento e indignação, incapaz de estabelecer qualquer conexão afetiva genuína:

> (...) ela era a mãe de todos e, imponente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne do seu joelho, pensou de repente como se cuspisse (Lispector, 2020, p. 57).

Esse isolamento emocional, como destacam Câmara e Câmara (2019), é uma característica recorrente nas personagens idosas de Lispector. Elas habitam um estado de introspecção solitária, em que a solidão se torna uma condição inescapável. A velhice na literatura de Clarice Lispector é, assim, retratada não apenas como uma fase de declínio físico, mas como uma experiência marcada por uma perda contínua de voz e valor social.

2.1 Despertar para a velhice: confronto com a inutilidade

Os contos “Feliz aniversário” e “Viagem à Petrópolis” abordam a velhice com uma sensibilidade crua, revelando-a como um profundo confronto existencial. Suas personagens frequentemente vivenciam um despertar tardio para a dolorosa realidade de suas vidas, um processo que, em vez de trazer esperança ou renovação, expõe uma amarga percepção de impotência e inutilidade social. Esse despertar se manifesta em uma intensa reflexão interna, em que as personagens se deparam com suas limitações, suas perdas e, muitas vezes, a solidão avassaladora que as rodeia. Como descrito por Nunes (1989), essa experiência ilustra uma “consciência infeliz”, em que, quanto mais conhecem a si mesmas, menos conseguem viver plenamente, distanciando-se de suas próprias existências.

A dualidade trágica presente nessa conscientização é notável: à medida que as personagens se tornam mais conscientes de suas condições, se sentem ainda mais incapazes de alterar suas circunstâncias. Esse paradoxo é particularmente cruel, pois, em um mundo que frequentemente marginaliza as mulheres idosas, a busca por significado e conexão se torna cada vez mais difícil. O que deveria ser uma fase de reflexão e sabedoria se transforma em um labirinto de desilusão, em que a sabedoria adquirida ao longo da vida não se traduz em poder ou reconhecimento.

O despertar doloroso dessas personagens é uma representação simbólica do que muitas mulheres idosas enfrentam na realidade contemporânea: a consciência de que, apesar de suas ricas histórias de vida e das experiências acumuladas, foram, ao longo do tempo, sistematicamente marginalizadas e esquecidas. Elas são aprisionadas em um espaço onde suas vozes se tornam cada vez mais silenciadas, onde suas contribuições e experiências não têm mais valor.

A literatura de Lispector nesses dois contos, portanto, transcende a simples representação da velhice como um processo físico; ela a transforma na representação de um fenômeno social profundo, que implica uma contínua perda de voz, poder e valor. O texto Lispectoriano nos convida a refletir sobre essa realidade desconfortável, desafiando-nos a confrontar as narrativas que muitas vezes ignoramos ou desconsideramos. Ao fazer isso, a autora não apenas ilumina as experiências de suas personagens, mas também abre um espaço para uma discussão mais ampla sobre a condição da mulher na sociedade, especialmente à medida que envelhece.

Esse convite à reflexão é crucial, pois nos força a considerar a maneira como a sociedade em geral trata a velhice e, especificamente, as mulheres idosas. O abandono, a solidão e a invisibilidade são temas que ecoam na obra de Lispector, revelando uma crítica social pungente que ressoa além da literatura, atingindo as estruturas que sustentam a marginalização. Assim, ao mergulharmos nas narrativas de Lispector, podemos ser confrontados ou não com a tristeza da velhice e, também, com a urgência de reconhecer e valorizar a vida e as histórias de todas as mulheres, independentemente de sua idade.

2.2 A velhice em “Viagem à Petrópolis”

A protagonista do conto “Viagem à Petrópolis”, Mocinha, é uma figura que encarna a transitoriedade da juventude e a dor da velhice. Sua descrição física revela um corpo que, ao longo dos anos, perdeu a forma e a vivacidade: “O corpo era pequeno, escuro, embora ela tivesse sido alta e clara” (Lispector, 2020, p. 65). O próprio nome, Margarida, simboliza uma beleza que floresceu na juventude, mas que agora se desfez em marcas do tempo e aflições da vida, tornando-se invisível aos olhos alheios. Outro aspecto que chama atenção para a sua pequena estatura é a de não precisar mais de cuidados. Ora, se uma flor murcha, para que cuidados? Assim, vemos que tudo o que lhes ofereciam era pouco ou nada. O básico não existia. Não precisava mais ocupar espaço, era mandada de uma casa para outra como algo que já tinha a sua importância reduzida.

A diminuição de sua estatura não é apenas uma questão física, mas um reflexo de sua crescente irrelevância na sociedade. Como uma flor murcha, Mocinha se torna um fardo, recebendo apenas o que é estritamente necessário, quase como se a dignidade de seus cuidados tivesse desaparecido: "quando lhe davam alguma esmola, davam-lhe pouca, pois ela era pequena e realmente não precisava comer muito. Quando lhe davam cama para dormir davam-na estreita e dura porque Margarida fora aos poucos perdendo volume " (Lispector, 2020, p. 66). Essa metáfora sugere que sua pequenez é vista como justificativa para a escassez, reforçando a ideia de que ela não merece mais do que o mínimo.

Essa invisibilidade é amplificada pela solidão que a envolve. Mocinha perdeu todos os seus familiares e não possui mais um lar ou bens que a sustentem. O "vestido preto e opaco, velho documento de sua vida" (Lispector, 2020, p. 65) é um testemunho de seu luto e abandono. Manchas e odores revelam não apenas o descaso com seu corpo, mas também a negligência da sociedade.

Vinda do Maranhão para o Rio de janeiro, encontrou um dos lugares para dormir na casa de uma família, no quarto dos fundos, localizada no bairro de Botafogo, que provavelmente era designado a objetos antigos, pois não havia crianças na casa, mas a cama que lhe cederam era pequena, e como já foi citado, ela não precisava de muita coisa, pois para quem havia perdido tudo, as migalhas eram suficientes. Estar alojada nesse cômodo, também vai indicar que ela foi recebida, mas que não fazia parte do seio familiar, que não deveria incomodá-los, tendo em vista que “esquecia-se dela a maior parte do tempo” (Lispector, 2020, p. 66).

Sua falta de posses atenua suas necessidades, a ponto de ela não perceber sua solidão: “não parecia compreender que estava só no mundo” (Lispector, 2020, p. 65). As migalhas que lhe são oferecidas são suficientes para uma vida marcada pela caridade, e as observações de outros sobre sua condição, como “acharam graça que uma velha, vivendo de caridade, andasse a passear” (Lispector, 2020, p. 66), ressaltam a exclusão social que ela enfrenta.

Com o tempo, a presença de Mocinha começa a incomodar seus anfitriões, que logo pensam em enviá-la para o irmão, Arnaldo, em Petrópolis. Esse movimento, aparentemente benevolente, revela a desumanização da personagem, que, por um breve momento, sente-se importante ao ser levada para um passeio. “A excitação do passeio prometido e a mudança de vida de repente aclaravam-lhe algumas ideias” (Lispector, 2020, p. 67), fazendo-a recordar de uma vida que já não lhe pertence.

No carro, a memória de Mocinha ressurge, trazendo à tona um passado repleto de perdas e sofrimentos: desde a tragédia do filho atropelado até os gritos dirigidos à filha que não viveu. Essas recordações intensificam sua dor e solidão, culminando em uma incerteza angustiante sobre sua identidade e seu lugar no mundo:

> Lembrou-se de coisas que dias antes juraria nunca terem existido. A começar pelo filho atropelado, morto debaixo de um bonde no Maranhão – se ele tivesse vivido no tráfego do Rio de Janeiro, aí mesmo é que morria atropelado. Lembrou-se dos cabelos do filho, das roupas dele. Lembrou-se da xícara que Maria Rosa quebrara e de como ela gritara com Maria Rosa. Se soubesse que a filha morreria de parto, é claro que não precisaria gritar. E lembrou-se do marido. Só relembrava o marido em mangas de camisa (Lispector, 2020, p. 67).

A jornada não apenas a leva a um novo destino, mas também a uma reflexão sobre sua própria existência. O momento de despedida é marcado por uma revelação amarga: mesmo quando parece ser recebida com alguma consideração, Mocinha é tratada como um estorvo. “Casa de Arnaldo não é asilo, viu?” (Lispector, 2020, p. 72), uma frase que ecoa como um lembrete cruel de que ela não tem um lugar de pertencimento.

Ao ser deixada próxima à casa do irmão, Mocinha se vê novamente à mercê da sorte. Sua busca por água em um chafariz simboliza a luta por sobrevivência em um mundo que a esqueceu. "Saciada, espantada, continuou a passear com os olhos mais abertos" (Lispector, 2020, p. 73), mas a satisfação momentânea não é suficiente para preencher o vazio de sua existência: “O cheiro de café dava-lhe vontade, e uma

vertigem que escurecia a sala toda. Os lábios ardiam secos e o coração batia todo independente. Café, café, olhava ela sorrindo e lacrimejando" (Lispector, 2020, p.71).

Para que estava morrendo de fome, isso foi uma tortura, pelo fato de não poder ter acesso a algo que o seu corpo tanto precisava naquele momento. Mas como vimos, a pessoa velha é colocada no lugar do esquecimento e da falta de dignidade. Lá não havia lugar para a senhora ficar, nem sequer uma bebida.

> – E agora estou muito ocupado! Eu lhe dou dinheiro e você toma o trem para o Rio, ouviu? volta para a casa de minha mãe, chega lá e diz: casa de Arnaldo não é asilo, viu? aqui não tem lugar. Diz assim: casa de Arnaldo não é asilo não, viu! (Lispector, 2020, p. 72).

Finalmente, exausta e faminta, Mocinha adormece e morre, uma morte que é não apenas física, mas também a culminação de um abandono social e emocional. Sua história, marcada por uma luta constante por dignidade e reconhecimento, é um poderoso testemunho da forma como a velhice é frequentemente relegada ao esquecimento, sem espaço nas casas ou nos corações da sociedade.

2.3 A velhice em "Feliz aniversário"

Dona Anita, a protagonista de "Feliz Aniversário", é descrita com características físicas marcantes: "(...) velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca" (Lispector, 2020, p. 53). Essa descrição não apenas ressalta sua presença física, mas também sugere um estado de resistência que se manifesta em sua postura monótona durante o que deveria ser um dia festivo. A impressão que se tem é de uma mulher que, apesar de sua imponente estatura, se encontra emocionalmente vazia.

O cenário da comemoração é a sala da casa de sua filha Zilda, onde a festa se desenrola. A sala é arranjada com cadeiras dispostas ao longo das paredes, como se houvesse um espaço deliberado entre a aniversariante e os convidados. "(...) à cabeceira da mesa grande, a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos" (Lispector, 2020, p. 52). Este distanciamento físico simboliza uma desconexão emocional, evidenciando o isolamento de Dona Anita no centro da celebração.

Os enfeites da festa, balões coloridos e uma mesa repleta de guardanapos de papel, evocam a estética infantil, criando um contraste com a gravidade do momento:

> (...) a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhara balões sungados pelo teto em alguns dos quais estava escrito “Happy Birthday!”, em outros “Feliz Aniversário!”. No centro havia disposto o enorme bolo açucarado” (Lispector, 2020, p. 52).

Zilda, em um esforço de ornamentação, arruma a mãe com cuidado, vestindo-a com acessórios que não foram escolhidos por ela, mas que refletem mais os desejos da filha do que da própria Dona Anita. “(...) vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado” (Lispector, 2020, p. 52). Aqui, Dona Anita é tratada como um objeto de decoração, relegada à função de mera presença em sua própria festa:

> (...) vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado – sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa. (Lispector, 2020, p. 52).

A mesa, assim como a aniversariante, é “longa e vazia”, simbolizando a ausência de sustância tanto na vida de Dona Anita quanto nas interações familiares. Embora cercada por filhos, netos e bisnetos, ela se sente desprovida de valor, como um bolo que, apesar de grande, é “apagado, grande e seco” (Lispector, 2020, p. 55). Este bolo, que deveria ser o centro da festa, torna-se uma metáfora da própria Dona Anita, uma presença que, embora ostensiva, não se traduz em significado emocional. As repetições como “(...) ela era a mãe” (2020, p. 54) ressaltam que, para seus familiares, sua identidade se resume a um papel, e não a uma pessoa digna de carinho e atenção. E nesses aspectos de decoração de pessoa e lugar, vemos que há uma infantilização, em colocar os acessórios no corpo que não foram escolhidos por Dona Anita, mas por Zilda, assim como os itens da festa e a disposição das cadeiras e da mesa.

O contraste entre o ambiente festivo, adornado de cores vibrantes, e o vestido preto de Dona Anita, que sugere luto, reforça a dualidade entre a vida e a morte, entre a alegria da celebração e a solidão que a permeia. Para seus familiares, a presença da mãe é uma formalidade, uma obrigação social mais do que uma celebração da vida. A nora que diz: “Vim para não deixar de vir” (Lispector, 2020, p. 51) exemplifica esse desinteresse, evidenciando a superficialidade das relações que ali se estabelecem.

Quando José, um dos filhos, declara que “(...) hoje é o dia da mãe”, fica claro que suas palavras são apenas um eco de um interesse próprio, enquanto a verdadeira

essência de Dona Anita permanece ignorada. Ela, silenciada, observa a cena à sua volta sem conseguir se fazer ouvir. Os filhos, ocupados com suas próprias preocupações, não percebem o vazio emocional que a rodeia.

O desdém se torna ainda mais evidente quando Dona Anita, em um momento de revolta, cospe no chão, um ato que, embora simples, é uma afirmação de sua existência. "(...) virou a cabeça e com força insuspeita, cuspiu no chão" (2020, p. 57). Esse gesto, que surpreende os presentes, é uma tentativa de reafirmar sua presença em meio ao descaso, uma busca por reconhecimento que parece ter se perdido em meio às aparências e obrigações sociais.

Os filhos, com exceção de Zilda, mostram um cuidado mínimo, reforçando a ideia de que o zelo recai apenas sobre a filha, enquanto os demais se afastam de suas responsabilidades. O aniversário se torna, portanto, um momento de confronto com a solidão, evidenciado pela repetição do ciclo: "(...) até ano que vem" (Lispector, 2020, p. 61) e "no ano que vem nos veremos diante do bolo aceso!" (2020, p. 62). A celebração da vida transforma-se em um protocolo, em que as interações se limitam a uma superficialidade que fere.

O desfecho da festa revela a verdade crua: as relações familiares se tornam um teatro, em que os laços são mais fracos do que os interesses individuais. A partida dos convidados, aliviados ao voltar à tranquilidade da rua, expressa um profundo desprezo pela condição de Dona Anita. "(...) era um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto" (Lispector, 2020, p. 63). Assim, a celebração se transforma em um lembrete de que a vida da aniversariante é marcada pelo esquecimento e pela indiferença:

> Todos sentindo obscuramente que na despedida se poderia talvez, agora sem perigo de compromisso, ser bom e dizer aquela palavra a mais – que palavra? eles não sabiam propriamente, e olhavam-se sorrindo, mudos. Era um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto (Lispector, 2020, p. 63).

Dona Anita, à mercê do abandono emocional, é forçada a aceitar uma comemoração que não é sua, um aniversário que se transforma em um símbolo de morte. "A morte era o seu mistério" (Lispector, 2020, p. 63), uma reflexão amarga sobre a transitoriedade da vida e a fragilidade dos laços familiares que, em última análise, se revelam mais como obrigações sociais do que como vínculos de amor e cuidado.

2.4 As protagonistas: Mocinha e Dona Anita

As protagonistas dos contos analisados neste trabalho, Mocinha e Dona Anita, revelam um retrato contundente da velhice e do silenciamento social, apresentando semelhanças e diferenças que merecem uma análise comparativa.

Em primeiro lugar, ambas são mulheres idosas que, apesar de suas circunstâncias distintas, enfrentam um silenciamento que ecoa em suas existências. Mocinha vive em um estado de isolamento, sem laços familiares que a sustentem, enquanto Dona Anita, embora cercada por uma numerosa família, experimenta uma solidão igualmente profunda. A moradia se torna um ponto de interseção entre as duas: Dona Anita reside em Copacabana, em uma casa que não é verdadeiramente sua, e essa falta de propriedade simboliza sua dependência e vulnerabilidade. Essa condição a torna um objeto de cuidado, mais uma responsabilidade para sua filha Zilda do que uma figura a ser celebrada. Por outro lado, Mocinha transita de casa em casa, sem um lar fixo, dependendo da caridade alheia para sobreviver. Ambas, portanto, são prisioneiras de situações que as relegam a um papel secundário nas narrativas de suas próprias vidas.

Em segundo lugar, a infantilização dessas mulheres é um tema central. Mocinha, cujo nome diminutivo sugere fragilidade e uma condição social rebaixada, é um símbolo de como a sociedade trata as mulheres idosas como seres sem importância. Dona Anita, por sua vez, é colocada no centro de uma celebração que, em vez de honrá-la, a reduz a uma figura decorativa. O ambiente da festa, com sua estética infantil e suas cores vibrantes, contrasta fortemente com o peso da experiência de Dona Anita, que é vestida e adornada de acordo com as vontades de Zilda, perdendo, assim, sua autonomia. Ambas as personagens, portanto, são despojadas de sua identidade e dignidade, tornando-se mais um reflexo das expectativas dos outros do que de suas próprias vontades.

Além disso, a solidão permeia suas vidas de maneira semelhante, resultando em um sentimento de irrelevância. Mocinha, dependendo das esmolas e da compaixão de estranhos, e Dona Anita, ignorada em sua própria festa, são constantemente lembradas de que suas presenças não são valorizadas. A indiferença dos familiares de Dona Anita, que se reúnem mais por conveniência social do que por genuína afeição, destaca a superficialidade das relações familiares. O desprezo e a falta de consideração se manifestam em um dia que deveria ser de celebração, mas que acaba por ser uma lembrança dolorosa de seu isolamento e da falta de afeto.

Finalmente, ambas as personagens enfrentam um destino sem saída, simbolizando uma resignação à inevitabilidade da morte. Mocinha, ao desejar um simples café que nunca chega, e Dona Anita, sem certezas quanto ao que lhe espera ao fim do dia, encarnam a angústia de uma vida marcada pela falta de escolhas e pelo abandono. Esse panorama trágico da velhice se desdobra diante de nós, evidenciando não apenas a solidão física, mas a desintegração emocional que acompanha a passagem do tempo. O que as aguarda, em última análise, não é apenas a morte física, mas a morte social e emocional, um esquecimento que a sociedade impõe àquelas que, em sua visão, não têm mais valor.

Essa análise revela, assim, que as histórias de Mocinha e Dona Anita são mais do que retratos individuais; elas refletem uma crítica social profunda sobre a forma como a velhice é percebida e tratada. Ambas, em sua fragilidade, se tornam vozes silenciadas em um mundo que prefere ignorar a complexidade da experiência humana em seus últimos capítulos.

Conclusão

Este trabalho abordou questões cruciais relacionadas ao envelhecimento, com foco na velhice feminina e os desafios que essa fase impõe em âmbitos familiares, pessoais e sociais. Observamos que esses desafios não são exclusivos do período da velhice; ao longo da vida, as mulheres acumulam marcas psicológicas e físicas que se intensificam à medida que envelhecem, moldando suas experiências e percepções de mundo.

Um dos aspectos centrais discutidos, especialmente nos contos analisados, é o sentimento de solidão, um tema recorrente na vida das idosas. As personagens de Clarice Lispector, em particular, revelam nuances dessa solidão: Mocinha, que enfrenta o abandono total e a perda, e Dona Anita, que, cercada por uma família que parece ignorá-la, experimenta a solidão mesmo em meio à aparente convivência. Essa dualidade evidencia que a solidão não se limita a quem perdeu tudo, mas também se manifesta em contextos em que a família, ao desprezar as necessidades emocionais e a voz da mulher idosa, perpetua um estado de isolamento e desvalorização.

Escrever sobre esse tema é fundamental para trazer à tona uma realidade frequentemente silenciada nos discursos sociais contemporâneos. Há uma voz que

precisa ser ouvida; um sentimento que merece respeito; e uma vida que deve ser plenamente vivida. Como sociedade, é nossa responsabilidade reconhecer essas mulheres como sujeitos plenos, que pensam, sentem e desejam existir de forma significativa, independentemente da idade. É essencial promover um espaço onde suas experiências e sabedoria possam ser valorizadas, permitindo que contribuam ativamente para a narrativa social.

Dessa forma, a reflexão sobre a velhice feminina não se resume a uma análise literária, mas, se transforma em um chamado à ação: que possamos, coletivamente, reimaginar e reconstruir nossas interações com as mulheres idosas, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e que suas vidas sejam vividas com dignidade e respeito. A partir dessa conscientização, podemos começar a desmantelar as estruturas que perpetuam a marginalização e a invisibilidade, promovendo uma sociedade mais inclusiva e empática.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. A velhice na sociedade de hoje. *In*: *A velhice.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2021.

CÂMARA, Yls Rabelo; CÂMARA, Yzi Maria Rabelo. Os dissabores amordaçados da velhice em Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector. *In: Revista de Estudos de Literatura brasileira Contempemporânea* Brasília, 2019.

CAMARANO, Ana A. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, v. 17, n. 49, 2003, p. 35-63.

CAMARANO, Ana A.; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*. São Paulo, v. 27, n. 1, jun. 2010, p. 232-235.

DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice*: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 1999.

DEBERT, Guita G. Gênero e envelhecimento. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 2, n. 3, 1994, p. 33-51.

LINS, I. L.; ANDRADE, L. V. R. A feminização da velhice: representação e silenciamento de demandas nos processos conferencistas de mulheres e pessoas idosas. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*. Londrina, v. 23, n. 3, p. 436–465, 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34289>. Acesso em: 31 maio. 2024.

LISPECTOR, Clarice. "Feliz Aniversário". *In*: *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. “Viagem à Petrópolis”. *In*: *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem* – Uma Leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

PEREIRA, Maria do Rosário A. A representação da mulher velha em contos de Clarice Lispector. *In*: *Revista em Ciências em sociais – UFRN*. Jun, 2022.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves; MAIA, Claudia Cristina. Entre o dilaceramento e a alegria: considerações sobre a velhice na Literatura Brasileira de autoria feminina. *In: Anuário de Literatura.* Florianópolis, v.26, 2021.

ROSENBAUM, Yudith. Clarice Lispector. *Folha explica*. São Paulo: Folha da manhã, 2022.